



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

O mais completo retrato da IA

A Inteligência Artificial segue sendo, sem dúvida, um dos maiores e mais desafiadores temas do mundo atual. Sua influência na vida das pessoas, na economia, na política, na cultura, no trabalho e no relacionamento das pessoas é imensa e estamos mergulhados no tema para entender melhor o que acontece e como podemos agir da melhor forma.

O Império da IA (Rocco, 480 pág, R\$ 99,90), de Karen Hao, engenheira mecânica pelo MIT e jornalista premiada, investiga, com profundidade e consistência, a Open AI, estabelecida por Sam Altman, Elon Musk e outros e que criou o ChatGPT. Inicialmente era uma entidade sem fins lucrativos e visava o bem da humanidade. Com o tempo, muita coisa mudou.

O livro venceu o National Book Critics Circle Award, os prêmios Smithsonian, Scientific Americana e Elle e o Business

Book Award da Porchlight. Logo após o lançamento, tornou-se *best-seller* instantâneo do The New York Times. Karen foi a primeira jornalista a cobrir a OpenAI, em 2019 e, neste livro, traz depoimentos de engenheiros do Vale do Silício, trabalhadores do Quênia e ativistas ambientais do Chile, além de outras vozes pouco ouvidas sobre as entranhas de uma indústria poderosa que desenha o futuro da humanidade em tempo real, impacta o clima, o mercado de trabalho, a política e a economia em escala global.

Karen é uma testemunha ocular, esteve no topo da hierarquia e no sofrido chão de fábrica e mostra como Altman precisou pedir recursos bilionários para a Microsoft para seguir. A OpenAI lidera uma corrida desenfreada e sem objetivos claros ao lado de gigantes multinacionais e as forças que a pressionam também afetam o



julgamento de líderes mundiais.

Com sua obra impactante, altamente embasada e reveladora, Karen transforma, de maneira fundamental, a compreensão e a percepção de muitas pessoas a respeito da empresa que está no olho do furacão da revolução da Inteligência Artificial.

e palavras...

DIA DOS NAMORADOS

O mundão está aí com sessenta e cinco conflitos armados ativos, cerca de treze classificados como guerras, por ultrapassarem 1.000 mortes em combate por ano. Houve oito conflitos diretos entre Estados, o maior número desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e os pesquisadores consideram a atualidade como um dos períodos mais violentos desde a Segunda Guerra. No Brasil já tivemos 65.602 mil homicídios em 2017, o pico, e em 2024 fechamos com 42.590 homicídios. No mundo inteiro, recentemente, houve de 130 mil a 250 mil mortes por ano, em função de guerras e violência organizada. O Brasil tem 2.5% da população mundial e responde por 8% a 12% dos homicídios no mundo. No mundo há quase um homicídio por minuto. Vamos anotar as promessas dos políticos e ver o que vão fazer com o maior pepino de todos, deste nosso querido País, para muitos um Banaanão. Ou será que o pepino maior é a corrupção?

Enquanto isso os líderes, principalmente os homens, militares e/ou civis, seguem fazendo política como se estivessem “namorando” alguns homens, ou brigando com outros, e gastando bilhões de dólares com aviões, tanques, bombas, canhões, porta-aviões, soldados, munição, drones e demais componentes de dezenas de conflitos, motivados no mais das vezes por território, dinheiro e poder.

Dinheiro, poder (político, religioso, cultural etc) e sexo/amor são as três maiores forças que movem o mundo, desde o tempo em que nos tornamos “sapiens” agricultores, doze mil anos

atrás, querendo terra e a terra do vizinho. Dia dos namorados, dia de pensar que o amor deve ser a coisa mais importante da vida e que deve ganhar de goleada no final dela. Vida sem amor, poesia e música é muito pouca vida. Dia dos namorados começou religioso, com o São Valentim, condenado à morte pelo Imperador Cláudio porque o contrariou casando jovens soldados, que o Imperador achava mais produtivos solteiros.

Na Idade Média surgiu a associação entre São Valentim e o amor romântico. Nos séculos XVIII e XIX surgiram cartas, poemas e cartões e no Século XX começaram os chocolates, flores, presentes e viagens, que o comércio, os restaurantes e hotéis precisavam faturar. No Brasil em 1949 o publicitário João Dória criou o Dia dos Namorados, véspera do dia de Santo Antônio, que é eterno *coach*, personal e esperança das solteiras. Depois surgiu a história de que os comerciantes preferem o dia dos namorados ao dia das mães, porque, em geral, mãe é uma só, um presente só, e namorada(o)s, com certa frequência são duas-dois ou mais e aí mais presentes são necessários e a caixa-nha agradece.

Óbvio que se as pessoas amassem e namorassem mais o mundo seria mais pacífico e saudável e, quem sabe, não teríamos tantas guerras e polarizações deletérias. Não diria que só o amor constrói, mas é claro que o amor, mesmo que seja por animais, plantas, ideias, artes e por boas causas, torna melhor o convívio entre os humanos e a relação com o mundo.

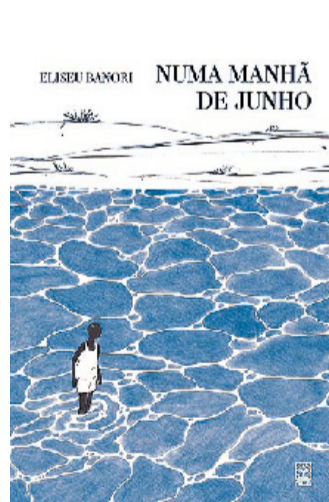
lançamentos



► **Facas e facões de um biólogo de campo** (Escuna, 166 pág, R\$ 44,00), de Rafael Lucchesi Balestrin, doutor em Zoologia pela Pucrs, traz crônicas e histórias interessantes sobre décadas de pesquisas em muitos biomas brasileiros. Conhecimento científico e vivências, biodiversidade, conservação ambiental e pesquisas estão na obra para estudantes, amantes da natureza e leitores em geral.



► **Mentiras, verdades e outras falsidades** (Gog Ideias, 176 pág, R\$ 74,90), do romancista, contista e roteirista Miguel da Costa Franco, tem apresentação dos editores André Roca e Alexandre Schossler e traz contos com linguagem trabalhada, fluente e envolvente sobre pessoas, família, memórias, desejos íntimos e muito mais. Miguel conta bem, com lirismo e ironia, sobre verdades, mentiras e memórias, inventadas ou não.



► **Numa manhã de junho** (Pallas Editora, 160 pág, R\$ 40,00), de Eliseu Banori, Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ, nascido em Bissau e radicado no Brasil, autor de contos, poemas e romances publicados em dez livros, narra os dramas familiares na guerra civil da Guiné-Bissau entre junho de 1998 e maio de 1999, que levou milhares a se refugiarem em outros países da África e na Europa.

a propósito...

Jesus Cristo morreu perdoadando os seus carrascos e deixou a mensagem maior de amar o próximo. Acho que Jesus concordaria com a ideia de que não precisamos amar todos os próximos e nem oferecer a outra face para levar outro tapa. Mas, convenhamos que, na vida, é ótimo se conseguirmos amar e perdoar alguns familiares, amigos e colegas. No dia dos namorados é bom lembrar de Jesus Cristo,

Alá, Buda, Javé, Santa Teresa de Calcutá, São Francisco, Gandhi, Martin Luther King Jr. e outros gigantes e distribuir amor, humor, carinho, paciência e resiliência. A mesma resiliência, aliás, que o Ancelotti quer ver na seleção, que, tomara, tenha muito amor, fome e gana pela bola. Ame, desame, ame de novo, dê vexame, mesmo achando que o único amor eterno é o amor próprio. **(Jaime Cimenti)**